

Se me deixares descobrir os teus caprichos, prometo-te realizá-los. Encerrando toda a tua melancolia, porei letra e música nesse encanto que te envolve. Responderei aos teus silêncios, chegarei a tempo, farei divertida a convivência, induzirei à celebração de uma intimidade corajosa. Ao pé do teu ouvido sussurrarei algo que te seja inédito. Direi o que queiras ouvir, direi que a minha vida será dar-te o ar para que respires. Farei claras as intenções que rodeiam esta justa proposta para alimentar as memórias que ficarão.

Nesta adoção de cuidados está o suporte que me recupera o interesse pela vida. Esse encontro com a amada me ameniza o pouso. Ela sabe fazer amor, preservar o encanto, me ensina a viver. Ela sabe que meu amor desgastado necessita de mimos, mobilizações que o sustente. É quase um triunfo espantar a solidão, superar o cansaço deixado pela renúncia.

O amor, como a delicadeza, causa estranheza aos desacostumados. A delicadeza conta com o entusiasmo, usa-o como promotora da união. Ela é capaz de expulsar as desistências, produzir esperanças agudas e penetrantes. Salva apenas com um punhado de estímulos preenche o vazio da solidão. A delicadeza promove a calma nos que reagem à sua presença. Convida a entrega de corpo e alma, voa com sonhos simples porque se renova, apresenta-se como nova para as esperas antigas. Ela acorda o dormido e assusta com a calma que promove. Em silêncio, se instala, faz mais rigoroso o compromisso porque cria todas as formas de rir, chorar, sonhar e sofrer. Faz pousar os sonhos mais ousados nos autores, dando seguimento à vontade de estar junto.

Pus-me em uma situação difícil no momento de encontrar aquela mulher venerada. Por que tirar-me todos os ânimos frente à necessidade de apresentar-me livre com meus desejos quando pensava declarar amor? Vagas curiosidades ficaram sem resposta. Acabei como um homem banal querendo ser singular para introduzir uma sinceridade que vulgar se espalha.

Gastei minhas procuras, vi vidas que a morte fria levou. Sem apontar o futuro, o rosto feiticeiro esquivou-se de mim. Reina em mim uma certa desordem, misturo tempos, fotos, vivências. Meus sonhos têm vias que não são minhas.

Pretensioso fui ao pensar em congelar o passado como eterno; não considerei que as lembranças são antigas e a memória esquece.

Acostumamos acreditar que o amor é único e que às vezes fracassa porque se encaminha inadequadamente. O mundo é demasiadamente amplo para acreditar em tal síntese. Tal redução diz mais da ingenuidade com que se o pensa e se o cuida.

Os decepcionados suspeitam que por detrás do amor esconde-se uma farsa. Implantadas as dúvidas, aqueles que nelas creem se dividem entre o céu e o inferno, alternando a vitória e a ruína. Faltaria, porém, algo que afirmasse que há alguma previsibilidade mínima entre o desejo e a possibilidade.

Inclinado a triunfar na solidão, descanso um cansaço não vivido. O amor esconde agonias, oculta fracassos, dá cabo dos milagres.

Sinto uma necessidade antiga como se fosse nova, me renovo com antigas e alheias competências como se fossem próprias. Na vida com pressa que me rodeia, machuca, aparadas as arestas forradas de silêncios, me socorro escondendo-me até banalizar tudo isso que sinto na vida que invento, acordo todos os dias como um renascido precisando de sinceras promessas.

Combatidos os preços, guardados os valores, surge a lealdade até dizer-se a algum amigo que se está seguro de haver descoberto algo incomum.

Até onde eu consiga, não farei de meu próximo momento um tempo perdido, serei seletivo, combinarei doces palavras com doces ouvidos. Investigando novas paciências, inventarei diálogos que somem, que avancem sem medo em direção às novidades recém-inventadas como o pão de cada dia.

Este quase vício de incluir-te em tudo que faço abre espaço para sentir uma elástica ternura. Segues cabendo nos meus sonhos.

Meus sonhos, alguns devorados pela cabeça baixa, foram a pique, diluídos em uma explosão sem continuidade nem propósito.

Pastorando ideias, me meto entre as plantas, me abasteço no canto dos pássaros que rareiam, abrigo minha esperança para que ela não morra de frio. Minha natureza busca silêncio, mudou-se há muito do lugar onde nasci.

Se aceitasse viver sem a tranquilidade, ficaria exposto às ameaças, às urgências, às cobranças. Penso e suportar a paz que a tranquilidade traz.

Duradoura angústia que me faz sair do lugar, me provoca e me devora lentamente como fogo temperado a marcar datas e atirar minha pressa.

Antes, brincava com a imaginação, agora me consolo seriamente na realidade, tento acostumar-me a brincar, imaginando com o real, realizando os impossíveis. Emboscado pelo tempo, receio que algum desaparecimento súbito não me deixe cumprir a vasta agenda organizada. O tempo que corre precipitadamente não para, enquanto o humor sobe e desce de acordo com as decepções vividas.

Propus ao dia uma permuta: ele ficaria com meu silêncio, minha solidão, em troca me daria sua luz, sua paz acompanhada. Amanheço mais um dia desembocando no caminho que me faz propor mais uma permuta: que ele suprima minha dúvida e, em troca, darei como retorno minha persistência.

Estou ciente de que amar é uma tarefa complexa, que implica reconhecimento para além das aparências.

Essa forma de amor não se aquieta no esquecimento, não conhece o silêncio, não se encaixa em nenhuma lógica, simpatiza com o gozo, põe em relevo o real, alimenta os sonhos e as fantasias, compreende tanto as dores como os prazeres. Fez conhecer as impressões sensíveis.

Sei do amor que se liberta deixando a solidão que aprisiona nas sombras. Não tem sido fácil encontrar vontades novas.

Decepcionando os hipocondríacos, amantes do futuro trágico, transportadores de medos, sei que o que mais mata é ser infeliz, abandonar-se à própria sorte como escravo consentido, atraído pelo descarte.

Aquilo que ontem olhei com dura adversidade hoje se confunde e penetra totalmente em mim. A favor de uma constante vontade, sigo o mesmo, ainda que com movimentos inesperados, às vezes esgotado em tolerância. Sem mais delongas, divorciado da utopia, me situo entre a miséria imposta e a riqueza roubada, entre uma solidão selvagem e uma multidão desacompanhada.

Suspeito sou para falar de reveses. Sabendo-me tão frágil, ainda me inquieta sofrer de amor. Mas como chamar esses múltiplos amores universais, o amor coletivo que passeia dentro de mim.

Há assunto mais funesto que uma vida mal vivida? Foi somente ante o rigor de graves leis biológicas, contra as quais não funciona nenhuma defesa, que me aceitei finito. Foram oportunas as presenças de uma artrose, uma dor de coluna, uma incomoda tradição de ir perdendo as forças nas pernas, um certo furor inverso onde, somados todos os músculos valem por um de antes.

Embora quase sempre chore pelos ausentes, vivos ou mortos, não me encontro dentro da couraça, nem padeço ausência de ninhos que insistem em não florescer. Aqui, estou morrendo de frio, de calor, de rinha, de desespero, essa morte não confessada, quase natural, quase vegetal, que me definha.

Aflito, o amor jaz no olhar que o sustenta. Que esperança será esta que o invoca para que tão forte pareça? Tão vasta a grandeza que faz da alma tão plena a desembarcar nas belezas da natureza.

Há dentro de mim um guarda-roupa que insiste ficar em bermudas de linho branco, suspensórios e um sorriso de 7 anos. Ainda vejo ali uma amarelada esperança de que não acabasse o sorveteiro da esquina e o passeio diário com meu pai.

Sem dar-me conta fiquei sem razão e sem sentido, uma única permissiva inspiração me motiva como um iniciante a ser um inventor de versos, de histórias, de mentirinhas que te encantem ou consolem. Reinvento tua presença para extravasar essa saudade dispersa que me deixa fora do ar e me faz deserto.

Viajo nos meus sonhos como um fantasma de mim mesmo. Sonho sempre com o mesmo tema: meu passado, que espreita o meu agora. As lembranças me invadem na noite, trazem-me o desconsolo da resposta limitada incapaz de atualizar o prazer. Tento amansar o descompasso que me desatualiza.

Um sentimento de resistência tornou a despedida uma fatalidade caprichosa, abandonando promessas, esperanças. Fingindo uma distração, uma fácil e efêmera aventura, impedi uma vontade de querer fazer-me presente. Despedi-me na hora de ficar. Levo comigo uma aflição íntima.

Exacerbo o encanto, exorcizo a dor, se alguma coisa omito é por um descuido proposital, para destacar e fazer notar o que mais me importa. Custodio essa liberdade de inventar e dizer o que gostaria de ouvir. É como uma ação generosa comigo mesmo. Assumi o direito de tentar ser feliz.

Vim a procura de um valor que ainda funcione, e, que instale a esperança para que ela seja alcançável. Com vistas a aumentar meu capital íntimo, minha solução caseira foi ativar a procura, enquanto a realidade permita. Incursiono pela novidade, me causo prazeres, me faço promessas. Faço disso um modo de ser, nem sempre alcanço ter êxito.

Quero alguma coisa do teu olhar, quero olhar como olham teus olhos, neles refugiar-me dos tormentos, ver a alegria dançar de felicidade, o silêncio declamar uma poesia, transmitir tantos sentimentos quantos neles caibam.

Teu olhar que me hidrata, ocupa todos os espaços da minha alma espantada. Esse olhar, como poesia adoça me ninando, pousa em mim como pássaro. Quero esse olhar ao

acordar, dormir acompanhado, ocupando o meu acaso, meu agasalho. Quero esse olhar me moldando mais terno, chave da casa, brinquedo, inocência, sonho.

Olho para ver se as sombras me seguem, se o olho está olhando na direção desejada. Olho atônito as injustas fomes dos pedintes, o frio não protegido de quem adormeceu na calçada. Olho a revoada dos cata-ventos ao poente, os olhos duma criança olhando para o futuro sem poder prever, olho as ladeiras, as despesas, as esmolas, atento ao desfile, ao que se me apresenta tentando me encontrar. Olho meigos, olhos tristes, furtivos, curiosos, subordinados, penetrantes até consumir o tempo de olhar. Então descanso meus olhares, adormecendo. Olho para as ruas, igrejas, esperanças vazias, buscando onde anda a fé.

Acabo de ouvir uma sentença que me exclui das penitencias e das autopunições. Esgotadas minhas penas, viverei de privilégios auto concedidos. Arranquei pela raiz os pesos da consciência e plantei em seu lugar uma abundância de perdões.

Agora resta saber se as feridas serão cicatrizes. Se a denúncia basta, se o desencanto separa o olho da viseira. Desordeno os lamentos que se tornam experiências e os enganos por prudência. Situado no prejuízo, tento comandar a reparação. Faço cessar a ingênua experiência instalado no ultraje, atrapalho os planos de viver em paz. Embora acanhado com a desavença entre mim e os que me cercam, sustento os sonhos.

Experimento manifestar uma alegria fugaz, falo ao coração, aos que se deixam fascinar pela autorização do prazer e fazem a cama sabendo que nela irão dormir, e cuidam do amor sabendo que ali irão pousar.

Quantas vezes ansiei medir a exaltação sentida no amor; inspirado nas músicas, nas poesias, na esperança dos outros, no sacrifício dos cristos difundidos e onipresentes, me aventurei a fazer alguma coisa que me confirmasse que o amor não era uma fraude e que a esperança ainda era lícita. Meti-me a fazer o que não sabia, investi onde não devia, depusitei no vazio que não confirma. Descumpri, me meti na extensão das fronteiras tentando emergir, honrando a vida, a aventura de amar, embora frequentemente a habite desenganado.

O corpo me reclama partição intensa e dirigida. Submetido à condição de eleito pela sensibilidade que me faz construir este texto, reafirmo minha alegria por criar e poder usar palavras próximas ao que sinto, de tal forma que a descrição não se afaste tanto do vivencial. Em todas as frentes ponho a totalidade do vivido e do aprendido, uso como veículo que me permite transladar-me por muitos ouvidos, paisagens, paciências.

Devido a que todos os caminhos estão desertos e nossas tolerâncias desabitadas, as carências são tantas que faz necessário prover-nos de um número suficiente de lembranças para evitar perdas maiores. Para fins de instaurar paz na consciência não averiguarei as causas, me privo de dizer-te adeus.

Quero contar-te ao pé do ouvido palavras que mais parecem um gemido que uma declaração. Esta quase fronteira me deixa em um estado de loucura, predico a posse, me devoto, recolho a carência, te acolho no meu silêncio.

Viciei-me em ver-te. Aprecio-me quando penso em ti, mesmo sem poder dizer-te que te abraço todo o tempo, que abrigo tuas dores, que vivo para hospedar o mais profundo de ti. És meu motivo e consequência, meu alimento e meu futuro, meu costume e minha novidade. Quero que me aceites sem importar-te com meus sinceros disfarces.

Vendo que ficavas do lado dos anjos, me restam poucas esperanças de cumplicidade. Não me passa cumprir a promessa de eterna devoção que só os amantes se prometem enquanto.

Nomeio como tutor das minhas esperanças alguém que não deixe escapar a ocasião e atente para o que digo. Às vezes pareço concorrer com o tempo e o espaço. Às vezes extraio esperança do nada, às vezes escorrego pela tangente, às vezes escondo afetos. Mudo o ângulo para não me acostumar as formalidades. Altero itinerários com a fantasia de conhecer novos lugares, embora minha fantasia e minha sombra sejam as mesmas de sempre.

Cabe-me pedir-te, mais por teimosia que por vontade, que deixes minha loucura quieta e não me renoves a ilusão.

